

NÚCLEO DE PRÁTICAS COMPLEMENTARES AO ENSINO REGULAR (NUPRAC): O TRABALHO COM ADULTOS POUCO ESCOLARIZADOS

NÚCLEO DE PRÁTICAS COMPLEMENTARES AO ENSINO REGULAR (NUPRAC): WORKING WITH ADULTS WITH LITTLE SCHHOLING

CALDEIRA, Jeane dos Santos¹

RESUMO

O presente estudo decorre de um Programa de Extensão intitulado Ação interdisciplinar a Carroceiros e Charreteiros na periferia de Pelotas/RS. Neste, compartilham-se alguns encaminhamentos da pesquisa que tem como objetivo investigar as histórias de educação de moradores de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social, constituída em grande parte por carroceiros, charreteiros e catadores de lixo e que está localizada no espaço urbano da cidade de Pelotas/RS. Os principais colaboradores deste estudo, são adultos pouco escolarizados, que trabalham na informalidade com a coleta de resíduos sólidos e que usam técnicas de casqueamento e ferrageamento de equinos para os cuidados dos cavalos utilizados por estes.

Palavras chave: Histórias de Educação. Saberes tradicionais. Educação não formal.

ABSTRACT

This study results from the Extension Action entitled Ação interdisciplinar a Carroceiros e Charreteiros na periferia de Pelotas/RS. It outlines some aspects of the research that investigate education stories provided by habitants of a community which lives under social vulnerability in an urban area of Pelotas/RS. The community comprises, mainly, carters, drivers of horse-drawn carriage and garbage collectors. The ones that provided data to this study are adults with little schooling who work informally with solid collection and uses techniques of trimming and shoeing of horses in order to care for the horses they use.

Keywords: Education Stories. Traditional Knowledge. Non-Formal Education.

¹ Pedagoga pela UFPel. Mestre em Educação (UFPel). E-mail: jeanecal@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente texto decorre de um estudo realizado através de um Programa de Extensão com caráter interdisciplinar e que está ligado a Universidade Federal de Pelotas. Trata-se de uma pesquisa histórica com base sociológica, tendo como enfoque o estudo de práticas de educação não formal de adultos pouco escolarizados oriundos de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social. Esse é um tema ainda pouco abordado no âmbito da História da Educação. Nesse sentido, Jenkins (2004) destaca a importância de estudar as histórias desconhecidas das pessoas sem fama e sem glória, pessoas que estão ausentes da visibilidade histórica. Esse objetivo vai ao encontro dos estudos da chamada história vista de baixo que, conforme o autor, procura resgatar os sujeitos excluídos e suas histórias perdidas. Muito já se estudou sobre as histórias e trajetórias escolares de sujeitos das classes mais abastadas, sobre “história da formação de leitores individuais em geral, intelectuais ou personalidades, como políticos, médicos, advogados e professores” (GALVÃO; LOPES, 2001, p. 59).

Aqui se compartilha alguns encaminhamentos da pesquisa, que tem como objetivo investigar as histórias de educação de moradores de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social nos últimos 20 anos. Essa comunidade é constituída em grande parte por carroceiros (que utilizam tração humana), charreteiros (que utilizam tração animal) e catadores de lixo e está localizada no espaço urbano da cidade de Pelotas/RS.

Os principais colaboradores deste estudo são adultos pouco escolarizados (CAVACO, 2009), moradores do Loteamento Ceval que trabalham na informalidade com a coleta de resíduos sólidos e que usam técnicas de casqueamento e ferrageamento de equinos para os cuidados dos cavalos utilizados por estes. Esses saberes, assim como outros de seu cotidiano, são aqui analisados, tendo por base a categoria educação informal entendida, segundo Gohn (2010, p. 16), “como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares” até chegarem à educação não formal, “que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos” (GOHN, 2010, p. 16).

O tema da presente proposta de investigação surgiu a partir da atuação no Projeto de Extensão NUPRAC – Núcleo de Práticas Complementares ao Ensino Regular – vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS. Este projeto alinha-se ao Programa de Extensão *Ação interdisciplinar a Carroceiros e Charreteiros na periferia de Pelotas-RS*, instituído em 2006 por iniciativa do Prof. Dr. Carlos Eduardo Wayne Nogueira, da Faculdade de Veterinária/UFPel e tendo como foco as famílias de catadores de lixo. Ressalta-se que o foco do trabalho do NUPRAC vem sendo o reforço escolar para alunos dos anos iniciais. No entanto, outras atividades que envolvem direta ou indiretamente a educação, como a inclusão social, a prevenção de doenças, questões ligadas ao meio ambiente e organização comunitária, também são desenvolvidas. Portanto, esse é um espaço educacional voltado não só para os alunos que frequentam o ensino básico, mas também para a comunidade onde estão inseridos, tendo em vista minimizar a vulnerabilidade e exclusão social dessa comunidade e investir na melhoria de sua qualidade de vida.

PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO EM UMA COMUNIDADE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Nas universidades brasileiras, as atividades de extensão juntamente com o ensino e a pesquisa, constituem o tripé básico para seu funcionamento. Não há como negar que desses três elementos, a extensão ainda não ocupa o mesmo espaço do ensino e da pesquisa. No entanto, nos últimos anos, constata-se que as atividades extensionistas vêm constituindo interessantes espaços que transcendem o mero assistencialismo. São atividades que possibilitam a produção do conhecimento voltado para a superação das desigualdades sociais que, interligado ao ensino e à pesquisa, levam à formação de um profissional cidadão.

Com esse objetivo que o Projeto de Extensão NUPRAC ocupa um pequeno espaço de um prédio da UFPel, localizado próximo ao Loteamento Ceval. Cabe lembrar que o foco de trabalho desse projeto vem sendo o reforço escolar para alunos dos anos iniciais. O trabalho desenvolvido no NUPRAC apresenta algumas características que encontram subsídios na chamada Pedagogia Social, que é definida por Calliman (2009, p. 53) como:

[...] uma ciência prática, social e educativa, não-formal, que justifica e compreende em termos mais amplos, a tarefa da socialização, e, de modo particular, a prevenção e a recuperação no âmbito das deficiências da socialização e da falta de satisfação das necessidades fundamentais.

Salienta-se que o NUPRAC é constituído por uma equipe interdisciplinar, com formação em Pedagogia, Psicologia e Serviço Social, além de Odontologia e Veterinária. A equipe com profissionais de diversas áreas é uma característica fundamental para o trabalho com a Pedagogia Social. No Brasil, ainda não existe curso superior com formação em Pedagogia Social ou Educação Social conforme acontece em alguns países principalmente da Europa.

Destaca-se que a Pedagogia Social tem como país de referência a Alemanha. Na América Latina, o Uruguai é o polo difusor. Machado (2009) salienta que em países da comunidade europeia não existe consenso em relação à Pedagogia Social.

As formas mais difundidas para identificar o profissional são Educador Social, Pedagogo Social e Educador Profissional. Tais denominações, entretanto, não significam que a formação e as áreas de intervenção sejam semelhantes. Em alguns países a denominação de Educador Social associa-se à de Pedagogo Social. Em geral, representa a figura única e polivalente do educador que articula prevenção primária e secundária, além de recuperação dos indivíduos com dificuldades e a atenção sócio-cultural. (MACHADO, 2009, p. 11387).

Pode-se exemplificar o caso da Alemanha com o Pedagogo Social e da Espanha em que a formação acadêmica inclui a “educação especializada”, a “educação de pessoas adultas” e a “educação sociocultural” (GHANEM; TRILLA, 2008, p. 73). Ambos os cursos estão regulamentados e têm duração de três anos.

Sobre a Pedagogia Social no Brasil, os autores Moura, Neto e Silva (2009, p. 15), na introdução do livro *Pedagogia Social* elucidam:

No Brasil, os contornos iniciais da Pedagogia Social circunscrevem o universo conhecido como Educação não-formal, as práticas educativas desenvolvidas por movimentos sociais, organizações não-governamentais, programas e projetos sociais, sejam eles públicos ou privados.

A educação não formal, conforme descreve Gohn (2006), é considerada um dos núcleos básicos da Pedagogia Social e diferencia-se da educação formal desenvolvida nas escolas. Ela não é organizada por séries, conteúdos, idade, mas desenvolvida em espaços significativos para os sujeitos ou grupos envolvidos e visa o desenvolvimento da cidadania, crescimento pessoal, trabalhando a autoestima e inserção na sociedade. Enfim, ela procura atender aos interesses e necessidades dos educandos, que geralmente são oriundos de classes menos favorecidas.

Visando os interesses e necessidades dos educandos do Loteamento, o Programa de Extensão, em atividade coordenada por professores do Curso de Veterinária, ofereceu em março de 2012 um curso teórico prático de casqueamento e ferrageamento de equinos para iniciantes. Para este curso foram selecionadas dez crianças entre 8 a 14 anos, filhos de carroceiros e charreteiros que coletam resíduos sólidos ou fazem fretes em suas charretes para o sustento da família. Muitos desses moradores são oriundos da zona rural e utilizam equinos de tração em seu trabalho. Alguns adquiriram conhecimentos de técnicas de casqueamento e ferrageamento por conta da necessidade do tratamento do animal ou por essas técnicas fazerem parte do cotidiano de muitos trabalhadores rurais.

Essas técnicas são saberes tradicionais que agregam um conjunto de práticas e saberes do cotidiano. Em alguns casos são transmitidas de pai para filho. Porém nesse caso, orientados pelos saberes cotidianos e pelo conhecimento acadêmico, efetivou-se esse Curso do Programa de Extensão, que visou, principalmente, o resgate de práticas de um importante conhecimento. Os saberes que envolvem o manejo com o animal de tração vêm se perdendo junto à comunidade e são essenciais no trabalho cotidiano daqueles que sobrevivem da coleta de lixo.

AS CONTRIBUIÇÕES DA NOVA HISTÓRIA NA PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

Ressalta-se que o grande alicerce deste trabalho é a Nova História, corrente historiográfica que surgiu a partir de 1968 tendo sua origem na chamada Escola dos Annales.

A terceira geração dos Annales, também é conhecida pela expressão *Nouvelle Historie*, ou Nova História em português, e trouxe como principal proposta o estudo de toda atividade humana.

[...] *a nouvelle histoire* – associada à *École de Annales* – se caracteriza fundamentalmente por desenvolver uma linha de pesquisa em oposição à chamada história *tradicional*. Assim, enquanto enfatiza a narrativa dos acontecimentos, destacando os fatos históricos a partir dos grandes feitos e dos grandes homens, aquela prioriza a análise das estruturas ou, no caso de algumas obras, tende a dar voz aos cidadãos comuns, analisando os fatos históricos sob outras perspectivas [...] Na verdade, para os historiadores da nova história, qualquer acontecimento do passado sempre será visto sob determinado ponto de vista. (FISCHER; WEIDUSCHADT, 2009, p. 68).

A Nova História oportunizou alguns retornos historiográficos, entre quais se destacam, “a retomada da narrativa, do político, da biografia, aspectos que haviam sido de alguma maneira reprimidos ou secundarizados pelo padrão historiográfico anterior, e que agora reemergiam com inesperado vigor” (BARROS, p. 2010a, p. 20). Destaca-se que alguns novos campos, práticas e abordagens historiográficas foram bastante difundidas pelos novos historiadores. Para esse estudo, recorreu-se à micro-história, história vista de baixo e história do tempo presente para investigar as histórias de educação de nossos colaboradores e a comunidade em que eles vivem.

O recorte temporal da pesquisa está embasado na história do tempo presente, “trata-se de uma História não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de quem conhecem o fim e as conseqüências” (PESAVENTO, 2005, p. 93).

História do tempo presente apresenta algumas singularidades, como a importância de testemunhas em sua construção, nesse caso, os moradores do Loteamento Ceval (DOSSE, 2012, p. 15). Diante de tudo que foi descrito, é necessário alguns cuidados, principalmente nesta pesquisa em que o tema escolhido e as histórias dos colaboradores da pesquisa se aproximam muito do presente, o próprio Loteamento Ceval é um Loteamento recente que começou a ser ocupado em 2004. É nesse sentido que se reflete: existe um distanciamento certo do período que separa o presente do passado para se fazer História? Talvez a história do tempo presente possa dar o aporte para essa pesquisa tão próxima do tempo presente e de curta periodização, algo que não seria visto com “bons olhos” pela história tradicional.

O estudo do Loteamento Ceval e das histórias de educação está sendo realizado a partir do olhar da micro-história. A micro-história “é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que o outro modo passariam despercebidos” (BARROS, 2010b, p. 153), principalmente no que se refere ao estudo da história local e regional da comunidade. Sobre o assunto, Levi (1992, p. 137) afirma:

Frequentemente se supõe, por exemplo, que as comunidades locais possam ser adequadamente estudadas como objetos de sistemas de pequena escala, mas que as escalas maiores deveriam ser usadas para revelar as conexões entre as comunidades dentro de uma região, entre as regiões dentro de um país, e assim por diante.

Quando se fala do estudo de uma comunidade de forma mais detalhada, é importante enfatizar que este não se remete especificamente ao do estudo do espaço físico.

O objeto de estudo do micro-historiador não precisa ser desta forma o espaço microrrecortado. Pode ser uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência (por exemplo um crime) ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que se dispôs a examinar. (BARROS, 2010b, p. 153).

Em suma, “é crescente a tendência a realizar estudos mais localizados, que lidem com realidades mais circunscritas e com períodos mais curtos de tempo” (GALVÃO; LOPES, 2001, p. 40).

A história vista de baixo se contrapõe a história tradicional que oferece uma visão de

cima por ter seus estudos concentrados “nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, gerais ou ocasionalmente eclesiásticos” (BURKE, 1992, p. 12). Estudar as histórias de adultos pouco escolarizados e que vivem em situação de vulnerabilidade social é estudar pessoas que estão ausentes da visibilidade histórica; aquelas, que não são grandes leitoras, não têm uma profissão de status na sociedade como médicos e advogados e nem são oriundas das classes mais abastadas, enfim, são essas pessoas que ganham destaque a partir da história vista de baixo. Essa história como abordagem preenche duas funções:

[...] a primeira é servir como corretivo à história da elite [...] A segunda é que, oferecendo esta abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais da história. (SHARPE, 1992, p. 53 - 54).

Sobre os vestígios deixados por aqueles que se situam “abaixo” na escala social, grande parcela dos sujeitos das classes populares tem poucos anos de escolaridade, então são considerados por alguns como pouco capazes de deixarem escritas sobre si. Por isso, em outro momento da pesquisa, foi incluído o uso das fontes orais que são fundamentais para pesquisar as trajetórias e histórias de educação daqueles que Alberti (2005) denomina os “de baixo”, diferente de alguns sujeitos que se situam “acima” da escola social e que muitas vezes costumam deixar registros pessoais como cartas e diários.

HISTÓRIAS DE EDUCAÇÃO EM UMA COMUNIDADE DE EXTREMA VULNERABILIDADE SOCIAL: O LOTEAMENTO CEVAL EM PELOTAS/RS

O Loteamento Ceval é uma área destinada às pessoas de baixa renda, localizado no espaço urbano de Pelotas, mais precisamente no bairro Simões Lopes, próximo ao centro da cidade. A área inicialmente pertencia à empresa Bung Alimentos, antiga Ceval, e foi comprada pela Prefeitura Municipal de Pelotas para construção de moradias para classe média. Em 2002, moradores que residiam às margens do Arroio Santa Bárbara, na Avenida Viscondessa da Graça, resolveram ocupar a área que estava vazia. O principal motivo para invasão do terreno consistia no fato de que o local onde as famílias residiam antes da ocupação sofria constantes alagamentos, principalmente na época das chuvas torrenciais.

Diante deste fato, havia a possibilidade de a prefeitura da cidade remover as famílias para o bairro Sanga Funda, local distante do centro da cidade. A remoção para outro bairro prejudicaria as famílias, uma vez que muitos não possuíam emprego formal e dependeriam do transporte coletivo para se deslocarem de sua moradia. Além disso, parte das famílias vive da coleta de resíduos da área central da cidade, carregando o material arrecadado em carroças e charretes.

Inicialmente seis famílias resolveram dar início à ocupação da área e, a partir daí, passaram a vir outras famílias. Segundo Vara (2009, p. 16), “além dos moradores da Viscondessa da Graça, vieram também pessoas de outros locais da cidade para área da Ceval por ocasião das enchentes que a cidade sofreu no ano de 2004”. A autora ainda descreve que a não aceitação da remoção para uma área distante do centro da cidade fez com que os moradores se unissem e a causa ganhou ajuda de uma professora universitária e de um vereador. Após a luta e resistência dos moradores, o poder público prometeu

construir moradias e infraestrutura. Em 2006, as casas populares começaram a ser construídas pelo poder público. As famílias foram acomodadas. Muitos venderam seus lotes ou concederam parte destes para moradias de outras famílias. A população da área aumentou conforme o passar dos anos e a rotina do Loteamento passou a ser normalizada conforme o tempo.

Destaca-se que as casas no Loteamento são edificadas, com apenas um cômodo e no fundo de alguns lotes pode-se observar construções de madeiras que abrigam outras famílias ou até mesmo animais, como os equinos de tração que são de extrema importância no trabalho de algumas famílias. O Loteamento também possui um Centro Comunitário, além de ruas asfaltadas, água canalizada, luz elétrica, coleta de lixo e sistema de esgoto.

Muitos moradores continuam no trabalho informal, a renda das famílias ainda é pouca para levarem uma vida digna e confortável, dessa forma “pode-se afirmar que esta população vive uma situação de extrema pobreza, uma vez que este valor fica destinado aos gastos com alimentação, saúde, educação, entre outros” (VARA, 2009, p. 66). Os papeleiros, agora catadores cooperados, tiveram a atividade regulamentada e hoje, além dos auxílios de programas sociais, como bolsa família, algumas famílias conseguem ganhar aproximadamente um salário mínimo por mês.

Pensando no futuro de seus filhos é que essas pessoas cada vez mais se preocupam com questões ligadas à educação, pois, como não tiveram condições de darem prosseguimento aos estudos, acreditam que quanto mais os filhos estudarem, mais condições estes terão para conseguirem bons empregos com salários mais dignos. Os dados apresentados por Vara (2009) mostraram que no Loteamento Ceval, entre os 40 chefes de família entrevistados, 20% são analfabetos, 57,5% tem fundamental incompleto, 15% fundamental incompleto e 7,5% cursaram o ensino médio incompleto. É por esse motivo que, além de recorrerem às instituições formais de educação, os responsáveis pelas crianças e adolescentes acreditam em projetos de reforço escolar e demais atividades pedagógicas, uma vez que grande parte deles são analfabetos funcionais e não conseguem nem ao menos auxiliarem os jovens nos temas escolares.

São esses sujeitos, desprovidos de capital cultural e capital econômico², que através das suas histórias de educação estão colaborando com a presente pesquisa. Ao falarem em histórias de educação, as autoras Galvão e Lopes afirmam que são:

Estudos que investigam não somente o ensino e a escola – objetos tradicionais da disciplina –, mas também as crianças e os jovens, o livro e a leitura, as mulheres, a violência, entre tanto outros sujeitos e objetos que contribuem para a melhor compreensão dos processos educativos do passado. (2009, p. 51).

Cabe salientar que os colaboradores escolhidos para a pesquisa são os pais ou responsáveis pelos alunos que participaram do NUPRAC. Parte dos chefes de famílias do Loteamento Ceval são mulheres e quando estas se dirigem até o Projeto para fazerem as matrículas de seus filhos vão acompanhadas de carteiras de identidade e certidões de nascimento, devido ao grande número de filhos, o que dificulta memorizar a data de nascimento destes. Muitas se negam a dizer o nome do pai da criança, algumas são registradas somente com o nome da mãe, mas é possível observar que muitos irmãos são

2 Capital cultural e econômico são conceitos utilizados por Pierre Bourdieu. Para saber mais ver Bourdieu (1998).

filhos de pais diferentes pelos variados sobrenomes. Algumas mães conseguem apenas assinar o próprio nome, outras conseguem ler um texto mais longo e quase todas não completaram as séries iniciais.

Fischer (2004) destaca: “historicamente, alunos de classes populares tendem a interromper sua trajetória escolar já nas primeiras séries. Pouco tem sido analisado sob a perspectiva dos próprios sujeitos” (2004, p. 2), por isso, a importância das entrevistas. Em 2006, ano que iniciou o Projeto de Extensão, houve a tentativa de formar uma turma de EJA. As aulas seriam matinais com uma turma composta por mulheres que moram no Loteamento, pois os homens trabalhavam durante a noite na coleta de resíduos sólidos e dormiam no turno da manhã. O projeto com os adultos não foi posto em prática, estes preferiram que os extensionistas e coordenadores do projeto cuidassem da educação de seus filhos, o que acontece até o momento. Mesmo de forma moderada, se viu no projeto uma forma de investimento nos estudos dos filhos, enquanto os pais saem para fazer a coleta de resíduos, os filhos dedicam o tempo livre aos estudos.

Como os moradores do Loteamento não têm grandes condições para aquisição de capital cultural, encontram algumas formas de preencherem essas lacunas. Se alguns educandos oriundos de outras classes viajam, praticam esportes, fazem cursos de línguas, educandos das classes populares procuram fazer atividades já visando um possível futuro profissional ou alguma atividade que lhe dê retorno financeiro como o curso teórico prático de casqueamento e ferrageamento de equinos para iniciantes. O curso tem como objetivo mostrar a importância do casqueamento e ferrageamento dos cavalos, informar sobre a importância do bem estar e sanidade animal, motivar as crianças a conhecer a “arte” de casquear e ferrar cavalos, que pode ser para eles uma profissão e garantir um futuro melhor, principalmente para estas famílias, que mantêm seu sustento utilizando o trabalho do cavalo de tração, como carroceiros e catadores de lixo³.

Sabe-se que os pais de algumas crianças que participaram do curso têm domínio das técnicas de casqueamento e ferrageamento. Essas técnicas podem ser consideradas saberes tradicionais por serem adquiridas pela necessidade do trato com o animal, por fazerem parte da cultura e da rotina do trabalhador rural e por muitas vezes esses saberes serem transmitidos de geração para geração. Martins (2005), ao escrever sua tese de doutorado sobre os saberes de pescadores artesanais, salienta:

As formas de conhecimentos dos povos do mar e suas práticas de transmissão não são percebidas como aprendizagem ressignificantes no fluxo da história desses grupos. A questão da tradição não é tida como algo dinâmico, em movimento, de geração para geração, e sim como algo congelado na história. (MARTINS, 2005, p. 145).

A autora ainda ressalta que esses tipos de saberes são desqualificados socialmente e não são valorizados pela escola. Há uma falta de profissionais que dominam as técnicas de casqueamento e ferrageamento na cidade de Pelotas, pois muitos sujeitos que lidam com equinos de tração não procuram esses profissionais, colocando em risco o bem estar do animal; além disso, o tratamento com os equinos exige um alto investimento econômico.

³ Informações divulgadas no site: <http://wp.ufpel.edu.br/hcv/2010/04/04/casqueamento-e-ferrageamento-mirimjuvenil/>

Um pequeno grupo de veterinários vinculados ao Programa de Extensão publicou em 2010 alguns resultados dos exames clínicos feitos nos cavalos dos moradores do Loteamento e comprovou-se que:

As lesões mais significativas musculoesqueléticas estão vinculadas a erros de ferrageamento, ausência ou imperfeição de casqueamento, concussão proporcionada pelo constante deslocamento em pisos irregulares, excessivamente rígidos e abrasivos, somados, provavelmente, a permanência exaustiva de horas de trabalho e tração além de sua capacidade corporal permitida (Oliveira et al, 2010, p. 2).

Por isso, a importância do curso oferecido pelo Programa de Extensão e a necessidade de valorizar esse saber “que se refere aos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades” (FREIRE, 2005, p. 15). Sobre os saberes que aqui são chamados de tradicionais, eles também se destacam em um novo conceito de Patrimônio Cultural, o Patrimônio Imaterial ou Intangível, definido pela Unesco em 2003 como sendo:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (Freire, 2005, p. 16).

Antes, somente os bens de “pedra e cal” (ABREU; CHAGAS, 2003), aqueles edificados como igrejas e pontes, eram considerados patrimônio cultural, agora esses bens imateriais estão ganhando espaço na discussão das políticas de salvaguarda. Portanto, pode-se perceber que as possíveis histórias de educação dos moradores do Loteamento se cruzam com estudos históricos, sociológicos e também patrimoniais. Conforme vai se constituindo o referencial teórico-metodológico da investigação, vamos acrescentando outras categorias aos estudos para melhor fazer as análises referentes às trajetórias e histórias de educação dos moradores do Loteamento Ceval.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O NUPRAC trabalha em um espaço com a intenção de produzir saberes que contribuam com a produção acadêmica e científica dos alunos, assim como em sua formação docente e cidadã, favorecendo uma experiência de interação com a realidade de exclusão social, onde sejam socializadas competências e valores de sua formação humana, acadêmica e profissional. É inegável a melhoria da qualidade da educação quando é possibilitado o contato direto dos estudantes com realidades concretas e de troca de saberes acadêmicos e populares.

Dessa forma, é estimulado o desenvolvimento social e o espírito crítico dos estudantes, bem como a atuação profissional pautada na cidadania e na função social da educação superior, produzindo saberes, disponibilizando-os à comunidade e formando professores com novos princípios. Essa é uma maneira de contemplar a necessidade dos graduandos e pós-graduandos em desenvolver atividades junto a crianças que frequentam o ensino básico, tendo em vista a sua formação profissional de qualidade e o sucesso escolar das crianças, a não repetência no ensino regular e, por consequência, a sua própria inclusão social. Elucida-se que a extensão está prevista no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) da UFPel e da Faculdade de Educação, sendo que as atividades de extensão a serem realizadas pelos alunos serão computadas na integralização curricular de seu Curso.

A comunidade é caracterizada como de vulnerabilidade social, despossuída de bens econômicos e com frágeis vínculos sociais e culturais. Cabe à Universidade intervir e tornar menor, através da produção de saberes e da proposição de ações, a desigualdade social em nossa região, propiciando a implementação de políticas públicas que visem à inclusão social. Minimizar a vulnerabilidade social de uma comunidade é sempre um tema preponderante, intimamente ligado às políticas públicas do Estado e também aos princípios do MEC – Ministério da Educação e Cultura.

Considerando tudo que foi exposto até o momento é que o Programa e o Projeto de Extensão, objetivando atender as necessidades de alguns moradores da comunidade, ofereceu o curso de casqueamento e ferrageamento para equinos de tração. Dessa forma, busca-se contribuir com o bem estar do animal, valorizar tais saberes que estão se perdendo junto à comunidade e possibilitar uma futura profissão e geração de renda principalmente para jovens dessa comunidade que vivem em situação de vulnerabilidade social.



REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 157-202.

BARROS, José D'Assunção. A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. In: **História em Reflexão**, v. 4, n. 8, Dourados: jul/dez 2010a, p. 1-29.

_____. **O campo da história**: especialidades e abordagens. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CALLIMAN, Geraldo. A Pedagogia Social na Itália. In: MOURA, Rogério; NETO, João Clemente de Souza; SILVA, Roberto (Orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009. p. 51-60.

CAVACO, Carmen. **Adultos pouco escolarizados**: políticas e práticas de formação. Lisboa: EDUCA/Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2009.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis: Programa de Pós Graduação em História, v. 4, n. 1, jan./jun. 2012, p. 5-22.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Com o passado na frente: resgatando histórias de escolarização. REUNIÃO DA ANPED, 25, 2002, Caxambu. Anais. Caxambu: Anped, 2002. p.01-06.

_____; WEIDUSCHAT, Patrícia. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt; PERES, Lúcia Maria Vaz; VIEIRA, Márcia Ondina (Orgs.). **Memórias docentes**: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

FREIRE, Beatriz Muniz. O inventário e o registro do patrimônio imaterial: novos instrumentos de preservação. **Cadernos do Lepaarq**: Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio. Pelotas: UFPel, v. 2, n. 3, 2005. p. 11-29.

GALVÃO, Ana Maria LOPES, Eliane Marta. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume. **Educação formal e não-formal**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Educação não-formal na pedagogia social**. São Paulo, mar. 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=i so&tlng=pt. Acesso em: 17 abr. 2013.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 133- 161.

MACHADO, Evelcy Monteiro. Pedagogia social no Brasil: políticas, teorias e práticas em construção. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9, 2009, Curitiba. Anais. Curitiba: EDUCERE, 2009. p. 11379- 11392.

MARTINS, Maria Cristina. Práticas de trabalho e produção de saberes no cotidiano de mulheres pescadoras. **Sísifo - Revista de Ciências da Educação**. Lisboa: Universidade de Lisboa. n. 6. maio/ago 2008. p. 71 - 84.

MOURA, Rogério; NETO, João Clemente de Souza; SILVA, Roberto (Orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

OLIVEIRA, Douglas et al. Principais alterações clínicas encontradas no cavalo de carroça de Pelotas-rs, relacionadas com o perfil das famílias de carroceiros. CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPEL, 19, 2010, Pelotas. Anais. Pelotas: CIC UFPEL, 2010. p. 1-4.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39- 62.

VARA, Maria de Fátima Santos da. **Estratégias da população de baixa renda na produção do espaço urbano: o caso do Loteamento Ceval em Pelotas – RS**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande RS, 2009.

Artigo recebido em:
01/08/2013

Aceito para publicação em:
15/04/2014

